

**PEQUENAS VIDAS EM RISCO: EFEITOS DE SUBJETIVAÇÃO-OBJETIVAÇÃO
EM NARRATIVAS GLOBAIS SOBRE TRÁFICO DE ÓRGÃOS E CÉLULAS-
TRONCO**

**LITTLE LIVES AT RISK: EFFECTS OF SUBJECTIVATION-OBJECTIVATION
IN GLOBAL NARRATIVES CONCERNING ORGANS AND STEM-CELL
TRAFFICING**

**PETITES VIES AU RISQUE: EFFETS DE SUBJECTIVATION-OBJECTIVATION
EN RÉCITS GLOBAUX SUR TRAFIC D'ORGANES ET CELLULES SOUCHES**

Carlos Renato Lopes

Doutor em Letras pela FFLCH, USP. Professor Adjunto de Língua Inglesa no Departamento de Letras da UNIFESP

E-mail: carelo@uol.com.br

RESUMO

Neste artigo examino narrativas globais que envolvem crianças e bebês vitimados para fins de tráfico de órgãos e células-tronco. Observo como se dá na mídia a recorrência de tais narrativas cujos sujeitos-objetos – no caso, pequenas vidas em risco – são constituídos discursivamente por meio de uma permanente tensão entre identidade e alteridade. Em particular, focalizo dois relatos que, embora distantes entre si temporal e geograficamente, apontam para algumas aproximações concorrendo para a tessitura de uma trama discursiva em constante (re)atualização.

Palavras-chave: crianças; tráfico de órgãos; rumor; subjetivação; trama discursiva

ABSTRACT

In this article I examine global narratives involving children and babies victimized for organs and stem-cell trafficking purposes. I point out the mediatic recurrence of such stories whose subjects-objects – here, young lives at risk – are discursively constructed through a permanent tension between identity and alterity. In particular, I focus on two reports which, while apparently distant from each other in time and space, point to similarities concurring for the weaving of a discursive web in constant (re)actualization.

Key Words: children; subjectivation; discursive web

RESUMÉ

Dans cet article j'examine des récits globaux concernant enfants et bébés victimés par le trafic d'organes et cellules souches. J'observe comme les médias présentent, de façon récurrente, ces discours, dont les sujets-objets (des vies menacées) sont élaborés par une constante

tension entre identité et alterité. Je me concentre sur deux récits en particulier qui, malgré ses distances temporal et géographique, indiquent des approches vers la tessiture d'une trame discursive toujours en (ré)actualisation.

Mots-clés: enfants, subjectivation, trame discursive

[O] fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. Este não estará mais somente a voltas com sujeitos de direito sobre os quais seu último acesso é a morte, porém com seres vivos, e o império que poderá exercer sobre eles deverá situar-se no nível da própria vida; é o fato de o poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que lhe dá acesso ao corpo. – Michel Foucault, in: Direito de morte e poder sobre a vida

A produção de discursos sobre o medo, a insegurança e as ameaças do cotidiano é uma das práticas sociais mais persistentes na contemporaneidade. Ela parece resistir às mudanças aceleradas promovidas pelas tecnologias e movimentos populacionais, entre outros fenômenos da chamada globalização. A sensação de permanente instabilidade, de que tudo pode ser contingente e imprevisível, tende a alimentar o ressurgimento e ampla circulação de narrativas envolvendo risco. Particularmente recorrentes são os relatos sobre o risco representado pelo contato com o outro/estranho/estrangeiro e seus potenciais perigos, por mais que (ou justamente porque) a proximidade entre as populações decorrente de crescentes fluxos migratórios e da compressão das dimensões espaço-temporais se torne cada vez mais destacada. O sociólogo Zygmunt Bauman sintetiza bem essa questão, ao afirmar:

Na figura do estranho – não simplesmente o “pouco familiar”, mas o *alien*, o que está “fora de lugar” – o medo da incerteza, fundado na experiência da vida, encontra a largamente procurada e bem-vinda corporificação. Dada a intensidade do medo, se não existissem estranhos eles teriam que ser inventados”. (2003, p. 104-5)

Uma vez que a vida em sociedade pode sempre expor indivíduos a riscos, seja estes mais ou menos “concretos”, os discursos que representam fenômenos (e sujeitos) como potencialmente de/em risco tornam-se suscetíveis a permanente reinvenção. Eles ressurgem em ondas e são apenas provisoriamente “mitigados” por contradiscursos que promovem efeitos de segurança e de ausência de risco – efeitos ligados, por exemplo, à percepção de permanente monitoração via câmeras de circuito interno de segurança dos espaços e movimentos públicos em contextos urbanos. De qualquer forma, mais importante do que propriamente avaliar se são palpáveis ou não os riscos que nos cercam é buscar compreender como certos fenômenos (e certos sujeitos) são “selecionados” como fenômenos preferenciais de risco, tornando-se assim alvo estratégico de dispositivos de controle que irão exercendo sobre nossos corpos e vida cotidiana um determinado regime de (bio)poder/saber (FOUCAULT, 1998 e 1999; LUPTON, 2013a). Criticamente importante é, também, buscar entender o que as práticas discursivas aí engendradas nos dizem sobre nossas obsessões coletivas e nossas construções identitárias (MACDONALD, 2003; LUPTON, 2013b).

Neste artigo dirijo a atenção a dois relatos representativos de tais práticas. Veiculados pela mídia internacional, eles envolvem bebês e crianças em risco. Conforme sugere MacDonald (2003), a percepção de que as crianças do mundo estão “em risco” na sociedade contemporânea tem se intensificado na mídia desde os anos 1980. “Apesar de os adultos terem sempre classificado as crianças entre ‘os vulneráveis’ da sociedade, discursos contemporâneos sugerem que o risco às crianças tem se desenvolvido de formas mais alarmantes e menos controláveis” (p. 109). Relativamente distantes entre si temporal e geograficamente, os relatos selecionados materializam de forma particular a retomada de determinados *motifs*, os quais concorrem para a tessitura de uma trama discursiva em constante (re)atualização.

O primeiro relato data de há quase onze anos (dezembro de 2006) e já aponta para um futuro incerto a assombrar o imaginário sobre o risco que correm os bebês e as crianças nas sociedades globalizadas. A primeira delas nos chega por meio de um longo artigo publicado no *site* britânico www.thisislondon.co.uk com o alarmante título *The babies who are murdered to order* (“Os bebês que são assassinados por encomenda”). Assim se inicia o texto:

The plastic bag looks as if it contains meat. But then a right leg is taken from it and placed surgically on the morgue table, followed by the left one. Then the torso. The head follows, a gaping cavity where the brain used to be.

But it is only when the gloved hand of the pathologist examines the tiny fingers of a baby aged about 30 weeks that the full horror of what I am witnessing sinks in.

This shocking scene was captured on video at post-mortem examinations carried out on behalf of Ukrainian mothers who claim their babies were stolen from them at birth¹.

O relato tem como cenário a cidade de Kharkiv, na Ucrânia, um dos países europeus mais comumente associados ao tráfico de órgãos humanos (MEYER, 2012, p. 29-30). Matthew Hill, o jornalista que assina o artigo, reporta que a cena chocante foi mostrada a ele por Tatyana Zhakarova, uma assistente social representando cerca de 300 famílias que acreditam terem tido seus bebês deliberadamente vitimados pela maternidade como parte de um comércio internacional altamente lucrativo visando ao roubo de órgãos e células-tronco. De acordo com Zhakarova, embora as células sejam removidas com o consentimento das mães, é possível que haja “centenas de bebês roubados por encomenda, a fim de suprir a demanda por células-tronco ao redor do mundo”. Na sequência da matéria, Hill passa a relatar sua alentada investigação, para a Rádio BBC4, de uma suposta operação internacional envolvendo conspiração, assassinato e até mesmo um tratamento de beleza revoltante. Ele teria ouvido falar pela primeira vez dos rumores em conversa com o doutor Stephen Minger, da Kings College de Londres, um dos destacados nomes na pesquisa com células-tronco no país. Convidado para um encontro com médicos de uma clínica em Barbados que conduz experimentos controversos com células-tronco para o tratamento de doenças degenerativas – células essas alegadamente obtidas de bebês abortados entre sete e dez semanas de vida –, Minger teria expressado apreensão em relação aos métodos pouco transparentes de trabalho

¹ “A sacola plástica parece conter carne. Mas aí uma perna direita é retirada dela e posicionada cirurgicamente sobre uma mesa mortuária, seguida da perna esquerda. Depois o torso. E em seguida a cabeça, uma cavidade funda onde antes havia um cérebro. // Mas é só quando a mão enluvada do patologista examina os dedinhos de um bebê de aproximadamente 30 meses que o pleno horror do que estou testemunhando faz sentido. // Essa cena chocante foi captada em vídeo em exames *postmortem* realizados a pedido de mães ucranianas que afirmam terem tido seus bebês roubados delas ao nascerem”. (Tradução nossa).

na clínica, bem como ao fato de esta conduzir tratamentos paralelos contra o envelhecimento usando tais células. Detalhe importante: as células vinham importadas da Ucrânia e obtidas com a aprovação das mães. Haveria aí alguma ligação com as quase 300 famílias de Kharkiv citadas no início da reportagem?

O próximo passo da investigação levaria Hill a visitar a clínica em Barbados e convencer, com algum esforço, o doutor Shami Ramesh, um dos médicos-chefes, a conversar com ele no hotel. Seguro de que o tratamento funciona, Ramesh nega conhecer rumores de que bebês seriam sacrificados para a coleta de tecido e órgãos internos sem qualquer consentimento dos pais, reiterando sua confiança no Instituto de Criologia de Kharkiv, que lhe fornece a matéria-prima. Porém, admite: *Maybe in the future we will go and check it out* (“Talvez no future possamos ir lá e verificar”). O jornalista decide, então, fazer justamente isso. Uma vez em Kharkiv, tenta várias vezes, e sem sucesso, entrevistar o doutor Valentin Greshenko, chefe do instituto. Em seguida, concentra seus esforços no Hospital-Maternidade Número 6, onde entrevista Svetlana Plusikova, uma jovem de 26 anos que, em 2002, após uma gravidez relativamente tranquila, teria dado à luz uma menina natimorta. Pelo menos é o que, muito suspeitamente, lhe informaram os médicos, negando-lhe o direito de ver a criança. Em uma outra conversa, Hill conhece a história de Olena Stulnev, que viu sua filha nascer saudável, apenas para, no dia seguinte, ser comunicada de sua morte, para a qual foram apresentadas três diferentes versões: a criança sofrera de falta de ar, seus pulmões não abriram, e seu coração falhara. Inconformados, Olena e o marido Dimitry insistiram numa explicação correta que, a cada vez, se tornava mais difícil de obter. Assim, procuraram a assistente social, para representá-los, numa causa que unia diversas outras famílias cujas histórias eram bastante semelhantes.

Após alguma pressão, autoridades locais concordaram com a filmagem da exumação e exame dos corpos de aproximadamente trinta bebês. Juntamente com as imagens chocantes de corpos desmembrados, o jornalista iria se deparar ainda com uma sólida parede de silêncio, em que as acusações eram todas firmemente negadas – como se tornou evidente no caso da conversa que teve com Larysa Nazarenko, diretora do hospital-maternidade, que afirmou: *No work in this hospital is connected with the use of cells. This is the wrong address. I deny everything.* E ainda: *The children are not lost... They are not stolen – that's just somebody else's illusion*². A repercussão dessas histórias, ilusórias ou não, chegaria às portas do

² “Nenhuma atividade neste hospital está ligada ao uso de células. Este é o endereço errado. Eu nego tudo. // As crianças não são perdidas... Elas não são roubadas – isso é só ilusão das pessoas”. (Tradução nossa.)

Conselho Europeu, que passaria a conduzir uma investigação própria do caso, retomada após uma primeira iniciativa (já em 2004) frustrada por ausência de evidências concretas.

Circulando em um fórum eletrônico sobre lendas urbanas vinculado ao *site Snopes.com*, a reportagem suscita o comentário de um participante (assíduo frequentador) que, abastecido por mais informações, prefere ficar do lado da dúvida e da reticência. Após pesquisar na enciclopédia virtual *Wikipedia*, o comentarista apresenta o argumento de que células-tronco embriônicas são tipicamente obtidas de blastocistos, que são embriões em estágio muito inicial de evolução, bem anterior ao de bebês da idade referida na reportagem. Já as células-tronco adultas podem ser extraídas sem maior prejuízo ao doador. E quanto ao fato de os bebês em questão aparecerem nos vídeos sendo assustadoramente desmembrados, ele acredita tratar-se mais provavelmente da ação de “malucos” (*whackajobs*) do que de agentes ligados a uma suposta rede de comércio internacional, como havia declarado acreditar a representante das famílias de Kharkiv³.

Uma primeira aproximação analítica a essa intrincada narrativa nos permite apontar para a emergência de uma nova frente no ciclo de narrativas em torno da vitimação de crianças. Quer sejam destinadas a adoção, quer ao roubo de seus órgãos internos, quer agora para pesquisa e exploração de células-tronco, as crianças do mundo – neste caso, bebês: primeira fronteira, fronteira última de vida? – são mais uma vez os sujeitos-objetos de uma trama discursiva onde se entrelaçam questões de ordem legal, científica, religiosa e, obviamente, emocional. O debate cada vez mais ampliado nas sociedades contemporâneas sobre quando exatamente começa a vida humana e quais os limites de sua possível manipulação está na base da problematização sobre a ética das pesquisas com células-tronco (GOTTWEIS et al., 2005; LUPTON, 2013b). As diferentes posições tendem a se condensar numa polarização que entrincheira, de um lado, os que defendem a vida em “todas as suas fases” e, de outro, os que clamam por um limite legal, pragmática e cientificamente estabelecido, a partir do qual tornar-se-ia aceitável manipular a matéria-prima dos corpos humanos⁴. Em meio a esse debate, as crianças são, de um lado, representadas como *sujeitos*

³ Um segundo artigo, publicado no *site* do *The Telegraph* (PANCEVSKI, 2006), e incluído ainda na mensagem eletrônica, cita uma parlamentar suíça, membro da assembléia do Conselho Europeu, que, apesar de acreditar nas histórias das mães e de haver informações confiáveis para substanciar seus relatos, está mais convencida da hipótese de os bebês terem sido roubados para fins de adoção em países ocidentais.

⁴ A médica Alice Teixeira Ferreira, da Universidade Federal de São Paulo, coloca a questão nos seguintes termos: “Não dá para saber com certeza se um embrião [congelado] é inviável ou não. Se é viável, aquilo é uma vida e tem de ser protegida”. E acrescenta: “Todo livro de embriologia de mamíferos diz que a vida se inicia na concepção. Sabemos disso desde 1827”. Já a geneticista Lygia da Veiga Pereira, da Universidade de São Paulo, pondera: “Claro que o embrião é uma forma de vida. O que temos de definir é em que estágios da vida humana

plenos, assegurados de seu direito à vida; de outro, como *alteridade objetivada*, definível por critérios de pertencimento, utilidade ou franca exploração.

Sintomaticamente, a materialidade linguística que recobre o relato nos parágrafos iniciais do texto, acima reproduzidos, de partida já sugere tal efeito, na medida em que os bebês são descritos como compósitos de partes “desmontáveis”: primeiro a perna direita, depois a esquerda, em seguida o torso, e por fim a cavidade do crânio. Partes humanas são acondicionadas em um sacola plástica tal como pedaços de carne. E em meio a tal “procedimento” é a “mão enluvada do patologista” o único *agente* propriamente apresentado nessas primeiras linhas. Nem mesmo é o profissional que age, e sim, metonimicamente, sua mão, “entrelaçada” às partes inertes dos sujeitos-objetos que ele manipula. Tão iguais a nós mesmos, por estarem vulneráveis à ação (violenta) do outro, esses sujeitos-objetos nos chegam representados como igualmente alheios – e portanto tão estranhos – a nós mesmos.

Um outro olhar para a narrativa sugere que tal gênero de relato ressurgue como efeito de se tentar preencher uma lacuna de indeterminação, um espaço nebuloso do discurso por meio do qual valores tão “concretos” e, ao mesmo tempo tão “sagrados”, quanto o dom divino da vida e o direito a ela são *reencenados*. É lá onde essa falta e essa indeterminação provocam uma ruptura nas crenças inabaláveis da fé religiosa e da objetividade científica que infiltram-se velhas-novas narrativas do imaginário social. Elas ressurgem nos relatos jornalístico-investigativos, mas também nos e-mails e textos apócrifos da Internet com sabor de lenda urbana; nas declarações oficiais supostamente sustentadas por “evidências e dados concretos”, mas também nas que são “arrancadas” a contragosto, como nos dizeres do médico da clínica em Barbados, que admite a dúvida contra o melhor de seus interesses, ou nos da chefe do hospital-maternidade de Kharkiv, sintomaticamente permeado de negativas. Elas emergem também nos depoimentos que são tomados ao abrigo de um semi-anonimato – como os colhidos “em surdina” entre os pais das crianças para a reportagem – ou ainda nos dizeres que são condenados, por silenciamento, a desaparecer.

Como bem aponta Castaneda (2000), o poder do boato não reside em sua simples repetição, mas em sua constante repetição e “adornamento”, seu poder de “autogeração”. No caso específico desse gênero de rumor, a autora aponta para a figura da criança vitimada pelo poder ameaçador das novas tecnologias da modernidade como elemento galvanizador das narrativas. Sugere que, em meio aos recorrentes relatos de pânico veiculados por uma mídia global,

nossa sociedade vai permitir interferências” (SEGATTO, 2007). Ver também essa discussão associada ao conceito foucaultiano de biopolítica em Rose (2007).

é o espectro da criança desmembrada por mãos e instrumentos invisíveis, seu corpo esvaziado em uma coleção de órgãos pelos poderes da tecnologia médica e a atração do mercado global que propõe o rumor. É essa imagem que contribui poderosamente para a capacidade do rumor de cativar, bem como para sua contínua reprodução e recirculação. (p. 138 – tradução nossa)

Por uma outra perspectiva, no entanto, focando mais de perto a questão da construção discursiva das subjetividades, pode-se ainda observar a tensão – fosso aparentemente intransponível? – que se apresenta entre um discurso Mesmo e um discurso Outro. A tensão revela-se em tais narrativas como espaço compartilhado, onde as “mesmas vozes” podem ecoar de ambos os lados: um espaço em que os argumentos pró-vida e os argumentos pró-ciência são irremediavelmente assombrados pelo espectro um do outro. Justamente onde é impossível compartimentalizar o debate, simplesmente deixar de lado as questões subjetivo-emocionais e “se ater aos fatos”, é lá onde a cisão se evidencia. É lá que o discurso do Outro revela ser constitutivo do Um, não como mera estratégia retórica, mas antes como condição de existência (POSSENTI, 2004). Se fosse *transparente* o discurso do direito à vida – e em última análise a um futuro longo e imune a doenças para toda a humanidade, do bebê que finalmente vê a luz do dia ao idoso que não quer morrer tão já –, isto é, se tal discurso estivesse definitivamente assentado, objetivamente formulado “em sua própria evidência”, não haveria a necessidade de tantas narrativas, mais ou menos plausíveis (ficcionalis ou não), virem lhe preencher a falta, reavivando um ciclo narrativo que persiste em circular.

Assim, passados dez anos (novembro de 2016), vemos ressurgir no arquivo permanentemente aberto das lendas documentadas pelo *site Snopes.com* uma segunda narrativa, para a qual nos voltamos agora. Trata-se do rumor de que crianças ao redor do mundo estariam sendo sequestradas por uma rede de tráfico de órgãos. Em uma de suas versões, o governo tailandês teria encontrado em uma van centenas de crianças malaias com órgãos removidos para venda. Canais de mídia asiáticos reportaram o suposto ocorrido e aportaram suas explicações, como em um artigo intitulado *100s Of Children Found With Their Organs Harvested?* (“Centenas de crianças encontradas com órgãos roubados?”), publicado em inglês no *site* de notícias indiano *The Siasat Daily*. Escrito em linguagem bastante informal e com um tom pessoal (mas não assinado), o artigo começa por evocar o imaginário de que os tailandeses são traficantes de órgãos ou facilitadores desse tráfico. *I really pity the Thai people. They keep getting accused of kidnapping children from*

*neighbouring Malaysia to have their organs harvested*⁵. O episódio relatado seria, assim, mais um exemplar: *Today, we received several messages about a new alarming case involving these evil Thai organ traffickers*⁶.

Como se fizesse referência a qualquer outro incidente envolvendo crianças em risco, uma das mensagens referidas vem reproduzida *verbatim* no artigo:

Pls be careful with ur children wheather they are going to school, shoping, functions, playgrounds. Pls! Be with them. Dont trust any known or unknown people with your children. Do not let them play alone or go with strangers anywhere.

Take Care all childrens. Inform Police immediately if any childrens introuble or help them. Pls! Share with all ur contacts⁷.

Os dizeres soam familiares, quase banais mediante a memória discursiva das mensagens de risco endereçadas a toda uma população, embora em seu segundo parágrafo o apelo pareça ser feito diretamente às próprias crianças (*Take Care all childrens*), gerando-se um possível efeito de dissonância. Somado a isso está o fato de a mensagem ser reproduzida na sequência do texto sem qualquer indicação visual de que se trata de uma citação (aspas? itálicos?), o que num primeiro momento suscitou neste leitor o efeito de ouvir um apelo feito pelo próprio “autor”. O registro linguístico em boa parte não padrão talvez possa mitigar essa dúvida, a se considerar, no meu caso particular, minha pouca familiaridade de leitura de textos veiculados em canais de mídia local como o periódico indiano. Entretanto, não se mitigou (sempre da minha perspectiva situada de leitor-pesquisador) o efeito persistente de que a autoria está em aberto, como questão: Quem escreve essas mensagens? E quem afinal “se apaga como autor” (pela ausência de assinatura), ao mesmo tempo que paradoxalmente deixa

⁵ “Eu realmente tenho pena dos tailandeses. Eles costumam ser acusados de sequestrar crianças da vizinha Malásia para lhes roubar órgãos”.

⁶ “Hoje recebemos várias mensagens sobre um novo caso alarmante envolvendo esses malvados traficantes de órgãos tailandeses”. (Tradução nossa.)

⁷ “Por favor, cuidem de suas crianças quando elas forem à escola, às compras, festas, *playgrounds*. Por favor! Fiquem com elas. Não confiem seus filhos a ninguém, conhecido ou desconhecido. Não as deixem brincar sozinhas ou ir com estranhos a lugar nenhum. // Atenção todas as crianças. Informem à polícia imediatamente quando houver crianças em perigo, ou ajudem elas. Por favor! Compartilhem com todos os seus contatos”. (Tradução nossa)

sua marca tão individual neste artigo “híbrido”, “pouco jornalístico” na comparação com os padrões da grande mídia?

Mas sim, como artigo jornalístico, o texto vem acompanhado também de imagens – marca testemunhal que *clama* por reconhecimento em relação ao “mais novo alarmante relato”. Intercaladas no corpo do texto, há quatro fotografias mostrando dezenas de crianças, de variadas idades, deitadas no chão, sobre lençóis e/ou semicobertas por eles. Elas estão dispostas em fileiras num abrigo aparentando pátio de escola ou pavilhão. Em duas das fotos, as crianças aparecem com uma pequena faixa na testa ou sobre o torso nu (espécie de etiqueta) contendo uma indicação numérica. Em outra foto, que parece provir de contexto diverso embora revele um cenário bastante aproximado do das demais, as crianças estão vestidas com mais roupas (ainda que com os pés descalços, na maior parte) e parecem dividir espaço com alguns adultos. São imagens que pouco singularizam os retratados: os rostos não são particularmente destacados, vários deles estando virados contra a câmera; os olhos estão cerrados (estariam todas mortas?); e o ângulo de visão é distanciado, como numa panorâmica aérea. O efeito que captura minha memória (haverá outros) é o de uma massa indistinta de sujeitos-objetos amontoados em um hospital de guerra improvisado. Ocorre ainda que alguns desses corpos parecem ser de bonecos, estrategicamente posicionados entre os demais corpos, o que, segundo o artigo, suscita a hipótese de as fotos terem sido manipuladas. (*There are those who claim that this is a fake picture. Photoshopped, or using dolls.* – “Há os que afirmam que a foto é falsa. Com *photoshop*, ou usando bonecos”). Esses “que afirmam”, a propósito, seguem desconhecidos para o leitor: mais um efeito emergente da memória discursiva sobre a “real irrealdade” dos relatos alarmantes e apócrifos das sociedades em risco?)

Na sequência do texto, são apontados dois questionamentos sobre a plausibilidade do ocorrido, concorrendo para o que vem a ser propriamente a “razão de ser” da publicação: desbancar o rumor e restabelecer os fatos. O primeiro questionamento incide sobre o total improvável de crianças encontradas nas vans. Ora, uma van não pode comportar centenas de crianças (*Yeah, now it sounds ridiculous, doesn't it?* – “Tá, isso soa ridículo, não?”). O segundo questionamento é *metamidiático*: por que um fato de tamanha gravidade não teria sido noticiado nacionalmente (tanto na Malásia como na Tailândia), ou internacionalmente (em canais como Al Jazeera, CNN)? Pois menções ao ocorrido teriam sido veiculadas somente em redes sociais como o Facebook, ou em aplicativos de mensagens, como o WhatsApp.

Por fim, ficamos sabendo que as fotos são genuínas, mas que não correspondem ao suposto rapto de crianças na Malásia, mas de um assassinato em massa na Síria, três anos antes. Lemos: *They Are Syrian Children Gassed By Bashar al-Assad // Yes, these are real children, and they are all dead. They died on the morning of August 21, 2013*⁸. Mortas em um ataque de armas químicas (“muito provavelmente gás Sarin”) a centenas de civis em bairros de Ghouta controlados por forças anti-governo al-Assad, essas crianças teriam sido identificadas com os já referidos adesivos e fotografadas para que as famílias pudessem reclamar seus corpos o mais rapidamente possível. Ainda segundo o artigo, sendo muçulmanas, as crianças teriam que ser enterradas preferencialmente no mesmo dia, antes do pôr-do-sol. O texto se encerra apontando que embora o governo sírio tenha refreado os ataques por armas químicas, ainda continua matando e mutilando crianças sírias por meio de bombas e cascos de artilharia.

Curiosamente, mas não surpreendentemente, um segundo artigo, publicado no *site* do *AsiaNews* poucos dias antes (16 de novembro de 2016), traz à tona o tema, e novamente envolvendo a Síria. Evocando o jihad como responsável por uma tal nova onda de sequestros (*Idlib, children kidnapped for organ trafficking is the new jihadi business* – “Idlib, crianças sequestradas para o tráfico de órgãos em novo negócio do jihad”), o artigo segue uma estrutura bem mais característica de matéria jornalística, citando depoimentos de fontes e casos particulares. Famílias da cidade síria de Idlib e de vilarejos próximos cujos filhos teriam escapado ao recrutamento forçado por parte do Exército da Conquista (*Jaish al-Fatah*) estariam agora em pânico diante do relato do sequestro de dezenas de crianças sendo levadas para a vizinha Turquia. Com dizeres bastante semelhantes aos já destacados no artigo do *The Siasat Daily*, alerta o texto: *Increasingly, social media warn parents to be vigilant about their children in light of the danger of kidnapping related to organ trafficking, advising them not let their children out of the house or move around them without adults*⁹. Diante dos relatos recentes, a população da região estaria, de fato, agindo rapidamente e de forma solidária, evitando que algumas dessas crianças fossem levadas – diferentemente do que ocorreu, por exemplo, com Yasser Mohamad Ibrahim, garoto de 14 anos sequestrado na frente da casa dos pais (um dos casos citado no texto de sujeitos “com nome e endereço”).

⁸ “Elas são crianças sírias mortas por gás pelo [regime de] Bashar al-Assad. // Sim, elas são crianças de verdade, e elas estão todas mortas. Elas morreram na manhã de 21 de agosto de 2013”. (Tradução nossa).

⁹ “Cada vez mais, as mídias sociais alertam os pais a estarem vigilantes com seus filhos à luz do perigo de sequestro para tráfico de órgãos, aconselhando-os a não deixar as crianças saírem de casa ou circularem sem adultos”. (Tradução nossa)

Entretanto, um aspecto chama mais a atenção neste segundo artigo, em conexão com o foco de análise que tenho proposto até aqui. Trata-se do efeito de objetificação das crianças suscitado, aqui particularmente, pela descrição dos sequestros como sendo “mais uma causa de preocupação ao lado do contrabando de peças arqueológicas, petróleo e armas”. Sem mais detalhes que substanciem a afirmação, somos “informados”, logo nas primeiras linhas do artigo: “Depois de peças arqueológicas e petróleo, extremistas sírios estão ficando ricos com o tráfico de órgãos”. O uso da palavra *business* no título da matéria acaba por reiterar tal construção de sentido. Ainda que algumas dessas crianças tenham suas histórias “singularizadas” pelo relato jornalístico, o efeito segue sendo de indeterminação e indiferenciação sociais – e a inclusão ainda de uma única foto mostrando três meninos pequenos (quaisquer?) brincando numa rua (qualquer?) com ar sério pouco faz para dissipá-lo. Crianças são objetos de potencial lucro na “vida real”, em suas comunidades, mas talvez também o sejam por força da narrativa jornalística.

O rumor sobre tráfico de órgãos, que no primeiro artigo fora “desbancado” pela explicação da real causa da morte daquelas tantas crianças das fotos, aqui segue vivo, “deslocado” um pouco mais a oeste do globo. Os efeitos de sentido a ele associados ressurgem, por mais indeterminadas que sejam as fontes de autenticação das informações dos textos. Na Síria, matavam-se crianças por armas químicas em 2013; em 2016, elas eram sequestradas para fins lucrativos. A guerra segue noticiada em meio a uma trama discursiva insistente e em constante retomada, na qual rumor e notícia se confundem.

O ressurgimento, ao longo dos anos e nos mais variados locais, das narrativas em torno do tráfico de órgãos e, mais recentemente, de células-tronco de crianças remete, quero sugerir, ao modo como o velho e o novo, o *arquivado* (estrutura) e o *por arquivar* (acontecimento¹⁰) se interpenetram, criando narrativas híbridas que se metamorfoseiam em múltiplas modalidades. Tal ressurgimento remete ao modo como os rumores se confundem com notícias sensacionalistas, se embaralham às controvérsias e debates científicos, imiscuindo-se no repertório e na sabedoria populares. Remete, enfim, à forma como os relatos *rearticulam* criativamente – posto que seguem sendo narrados – as ansiedades e medos que assombram o imaginário das sociedades contemporâneas. E nesse universo se destacam, com reiterada força, o medo do outro/estranho/estrangeiro, em suas mais distintas faces, e a obsessão em torno da (falta de) segurança ou de controle sobre os corpos – exemplos dos

¹⁰ Aludo aqui à terminologia utilizada por Pêcheux (1997), para quem há entre a estrutura – a condição histórica de formulação dos dizeres (memória) – e o acontecimento – a retomada única e pela enunciação dessa mesma história – uma tensão dialética constitutiva do próprio discurso. Ver também Lopes (2008) para minha abordagem dessa conceituação na análise de lendas urbanas.

quais os rumores envolvendo o rapto de crianças para extração de órgãos ou células-tronco constituem uma forma particularmente nova de discursivizar problemáticas perenes da vida em sociedade.

Nessa trama discursiva paciente e descontinuamente tecida pela história, o que vemos se materializar nas narrativas – aqui, o pequeno porém exemplar conjunto de textos selecionados para análise – é o *acontecimento reenecenado* da construção identitária de pequenas (breves) vidas simultaneamente subjetivadas e objetivadas. São vidas subjetivadas quando representadas como próximas de nós – nossos filhos, nosso futuro? – por mais distantes social e geograficamente que estejam. São vidas objetivadas quando representadas como corpos estranhos, assustadores, ou simplesmente “despessoalizados”. Elas podem tanto ser crianças mortas por ataques de armas químicas quanto crianças mortas para o roubo de órgãos (suas imagens são reapropriadas, pois anônimas, indistintas, “descartáveis”); por outro lado, elas podem mal ter nascido e já terem tido retiradas de si a possibilidade de uma mínima identificação/subjetivação (*body parts*; vidas re-/partidas). Numa tensão entre identidade e outridade, seguimos, por fim, sendo confrontados com o risco permanente de tais narrativas encenarem a tragédia de nossas próprias existências e as daqueles que dependem de nós. Mas talvez também sigamos desafiados pela possibilidade de novas narrativas virem a inventar futuros *outros*, de esperança, para nossas vidas. E que estas não sejam tão breves.

REFERÊNCIAS

ASIANEWS. Idlib, Children Kidnapped for Organ Trafficking Is the New Jihadi Business, in: <http://www.asianews.it/news-en/Idlib,-children-kidnapped-for-organ-trafficking-is-the-new-jihadi-business-39152.html>, 16 de novembro de 2016. Último acesso em 27 de agosto de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade – A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BOSTON HERALD Stem Cell Dilemma a Job for Congress, in: <http://news.bostonherald.com/editorial>, 22 de maio de 2006. Último acesso em 28 de agosto de 2017.

CASTANEDA, Claudia. Child Organ Stealing Stories: Risk, Rumour and Reproductive Technologies, in: ADAM, Barbara; BECK, Ulrich; VAN LOON, Joost (eds.) **The Risk Society and Beyond – Critical Issues for Social Theory**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2000.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade, in: **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 13ª edição, 1998.

_____. Direito de morte e poder sobre a vida, in: **História da Sexualidade, Volume 1 – A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 13ª edição, 1999.

GOTTWEIS, Herbert; SALTER, Brian; WALDBY, Catherine. **The Global Politics of Human Embryonic Stem Cell Science – Regenerative Medicine in Transition**. Basingstoke & New York: Palgrave MacMillan, 2009.

HILL, Matthew. The Babies Who Are Murdered to Order, in: <http://www.thisislondon.co.uk/news>, 15 de dezembro de 2006. Último acesso em 25 de agosto de 2017.

LOPES, Carlos Renato. Lendas urbanas: narrativas entre o acontecimento e a estrutura, in: **Eutomia** 1:2, p. 318-342, 2008.

LUPTON, Deborah. **Risk – 2nd Edition**. London & New York: Routledge, 2013a.

_____. **The Social Worlds of the Unborn**. Basingstoke & New York: Palgrave Macmillan, 2013b.

MACDONALD, Myra. Children ‘at risk’, in: **Exploring Media Discourse**. London & New York: Arnold, 2003.

MEYER, Silke. Trafficking in Human Organs in Europe: A Myth or an Actual Threat?, in: TERRITO, Leonard; MATTESON, Rande (eds.) **The International Trafficking of Human Organs – A Multidisciplinary Perspective**. Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2012.

PANCEVSKI, Bojan. Stem cell baby deaths probe 'too close to the truth', claims investigator, in: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/1537168/Stem-cell-baby-deaths-probe-too-close-to-the-truth-claims-investigator.html>, 17 de dezembro de 2006. Último acesso em 25 de agosto de 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso – Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2ª edição, 1997.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas, in: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Introdução à Linguística – Fundamentos Epistemológicos, Volume 3**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

ROSE, Nikolas. **The Politics of Life Itself – Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2007.

SEGATTO, Cristiane. A batalha das células-tronco, in: **Época**, 23 de abril de 2007.

SNOPE.S.COM. *The Urban Legends Reference Page*. www.snopes.com

THE SIASAT DAILY. 100s of Children Found with Their Organs Harvested?, in: <http://www.siasat.com/news/100s-children-found-organs-harvested-1066530/>, 21 de novembro de 2016. Último acesso em 27 de agosto de 2017.

